Diário de bordo

# A década das cooperativas



Roberto Rodrigues*

NOS ÚLTIMOS dias de outubro passado, cerca de 10.000 representantes de cooperativas de uma centena de países reuniram-se em Manchester, na Inglaterra, sob o comando da Aliança Cooperativa Internacional (uma espécie de OCB planetária) para encerrar oficialmente as celebrações do Ano Internacional das Cooperativas, estabelecido em 2012 pela ONU.

Ratificando posição anteriormente anunciada, a ACI fez chegar aos participantes do magno evento sua visão sobre o tema: 2012 não é um ponto de chegada, mas sim um ponto de partida para o cooperativismo mundial.

E os representantes de todo o movimento comprometerem-se com uma agenda que considera ações globais voltadas a:

- difundir a doutrina e o ideário cooperativista, com o objetivo de atrair mais gente para o movimento;
- ajudar a criar cooperativas em todo o mundo, com ênfase nas regiões mais pobres, tendo em vista permitir a pequenos produtores isolados o acesso ao mercado, em conjunto com seus iguais;
- convencer os governos destes países – e do mundo todo – a criar instrumentos legais e/ou regras que, sem oferecer privilégios às cooperativas, abram a elas condições de desenvolvimento isonomicamente em relação às demais empresas vigentes;
- convencer os países a criar fundos destinados à capitalização das cooperativas, sobretudo na África e América Latina.

Na verdade, a ACI está lançando uma companha mundial vigorosa para levar a toda parte a doutrina e o modo cooperativo de fazer negócios em um nível diferente. E o objetivo é chegar ao ano de 2020 com este modelo de negócio reconhecido como:

- o modelo de crescimento empresarial mais rápido;
- o modelo preferido pelas pessoas comuns;
- o modelo reconhecido como líder em sustentabilidade econômica, social e ambiental.

A década chamada pela ACI de Década das Cooperativas (2011 a 2020) considerará, neste esforço, as tendências contemporâneas centrais, tais como:

- degradação ambiental e esgotamento de recursos naturais;
- instabilidade do setor financeiro, com consequente desigualdade de renda;
- falta crescente de governança e lideranças globais;
- marginalização aparente de gerações mais jovens.

Nesse contexto, estão analisadas algumas mudanças dramáticas, lastreadas no crescente desejo dos cidadãos de participar dos negócios e das decisões políticas. Tudo isso contrasta com os modelos vigentes, seja nos negócios, seja nas ações dos governos.

Essas tarefas serão monitoradas pela ACI, em todos os países-membros, mas outras instituições de peso preparam-se para colaborar, como a FAO, que, em junho passado, criou um novo setor para impulsionar o cooperativismo agropecuário.

Em resumo, um gigantesco movimento em favor das cooperativas vem sendo preparado e seus resultados poderão ser notáveis, inclusive quanto à segurança alimentar. Não é por outra razão que o lema do Ano Internacional do Cooperativismo é: "Cooperativas constroem um mundo melhor".

A propósito da segurança alimentar, o Papa Bento XVI enviou carta ao Diretor Geral da FAO, expressando sua opinião a respeito do papel das cooperativas neste tema, afirmando:

"Devido à prioridade da dimensão humana, as cooperativas agrícolas podem ultrapassar o aspecto técnico do trabalho agrícola, reavaliando a centralização da atividade econômica, favorecendo assim respostas adequadas às necessidades locais." Trata-se de uma visão alternativa àquela determinada pelas medidas locais e internacionais, que têm como seus únicos objetivos o lucro, a defesa dos mercados, o uso não alimentício dos produtos agrícolas e a introdução de novas técnicas de produção sem a precaução necessária.

Frente a uma demanda por alimentos cada vez mais importante, que combina a qualidade e quantidade de alimentos, o trabalho das cooperativas agrícolas pode representar algo a mais do que uma simples inspiração, mostrando concretamente um meio possível para satisfazer a demanda crescente da população mundial. ■

*Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e embaixador da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo